



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANGELA GEYER MENEZES

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-823

Entrevistado: Angela Geyer Menezes

Nascimento: 26/02/1965

Local da entrevista: Shopping Bourbon Country, Porto Alegre - RS

Entrevistadora: Gracielli Lattuada Alves

Data da entrevista: 02/09/2016

Transcrição: Gracielli Lattuada Alves

Copidesque: Gracielli Lattuada Alves

Pesquisa: Gracielli Lattuada Alves e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 20 minutos.

Páginas Digitadas: 9

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Trabalho de Conclusão de Curso de Gracielli Lattuada Alves intitulado *Maria Júlia da Rocha: um olhar sobre uma das pioneiras da dança clássica em Porto Alegre* apresentada no Curso de Licenciatura em Dança em agosto de 2016

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Origem e situação da família; Como se envolveu com a dança; Como foi a formação em dança; Tempo de estudo na Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha; Estrutura da Escola; Modalidades de aulas oferecidas aos alunos; Como eram as aulas de ballet na Escola; Funções desempenhadas na Escola; Relação com Maria Júlia; Relação entre os alunos da Escola; Como funcionavam os espetáculos; Participação no Grupo de Dança Majuro; Seleção para integrar o Grupo de Dança Majuro; Rotina de ensaios do Grupo; Viagens com o Grupo; Momentos marcantes da Escola; Influência e contribuição da experiência vivida nesta Escola para a formação; Relação atual com a dança; Visão sobre o fim da Escola.

Porto Alegre, 02 de setembro de 2016. Entrevista com Angela Geyser Menezes, a cargo da pesquisadora Gracielli Lattuada Alves, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.A. - Ângela, primeiramente eu gostaria de agradecer a tua disponibilidade por conceder essa entrevista para o Centro de Memória do Esporte. E gostaria que tu começasses falando um pouco sobre a tua família, a origem, a situação.

A.M. - Bom, eu que agradeço. A minha família é toda de artistas praticamente. Meu pai e minha mãe se conheceram no Belas Artes¹ aqui em Porto Alegre, depois foram para o Rio de Janeiro fizeram teatro, então eu sempre fui ligada às artes. Meu bisavô também era artista então é uma família toda seguida de artes e eu segui por esse caminho. Eu comecei o *ballet* desde os 5 anos lá na Maria Júlia² por incentivo da minha mãe e só parei com 27 anos e ao mesmo tempo eu sempre fui artista plástica também, porque a minha mãe tinha uma escolinha de artes que eu sempre frequentava quando saía da escola, depois comecei a dar aulas de *batik* com 16 anos e depois de desenho e pintura.

G.A. - Então tu te envolveste com a dança através de um estímulo da tua mãe...

A.M. - Sim, porque a minha mãe também dava aula de desenho lá na Escola da Maria Júlia no início, que era a antiga Landes³, além de fazer os cenários e os programas dos espetáculos, ela sempre gostou de colocar a gente em arte. Meu irmão estava no violão, eu estava no violão, no piano e no *ballet*, só que no *ballet* é o que eu sempre gostei mais, nunca saí. Entrei com 5 anos e só parei quando engravidei com 27 anos.

G.A. - Como foi a sua formação em dança?

A.M. - Na Maria Júlia, me formei lá, fiz direto dos 5 até os 15 com avaliações de final de ano com banca examinadora, bem rigorosa para passar de ano. No último ano tinha a barra

¹ Instituto de Belas Artes.

² Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha.

³ Escola de Artes Landes.

do maestro Léo Schneider, que era uma música de sua autoria que tinha uma coreografia pronta, lindíssima que tínhamos que fazer o mais perfeito possível, tudo nas pontas. Depois que eu me formei na Maria Júlia continuei lá, muito depois eu participei da primeira formação do Grupo de Dança Majuro. Com 20 anos saí de lá e fui fazer cursos em outros lugares. Participei de outros grupos, mas nunca perdi o contato com a escola.

G.A. - Em que ano então tu começaste a frequentar a Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha?

A.M. - Se eu nasci em 1965, 1970.

G.A. - E estudou até?

A.M. - Até 1985 na Maria Júlia, depois fui para vários professores e para o Grupo Mudança.

G.L. – Como era a estrutura da Escola?

G.A. - Estrutura física, as salas.

A.M. - Ah maravilhosa! A gente adorava as salas de aula, só que naquela época era parquê o piso e mesmo assim nunca tive nenhuma lesão, a sala grande com barras em toda a volta e tinha a sala da frente que era menor era mais para os iniciantes, tinha o vestiário que atendia as bailarinas, com chuveiro, banheiro tudo direitinho, o barzinho com a Adélia⁴ que vendia o guaraná caçulinha e salgadinhos, muita saudades.

G.A. - Quais modalidades de aulas eram oferecidas aos alunos?

A.M. - Quem quisesse tinha piano, violão com outras professoras, a escolinha da minha mãe com artes plásticas.

G.A. - E a escolinha de artes da tua mãe funcionou desde que a Maria Júlia abriu a Escola ou ela trouxe depois?

⁴ Adélia Alves dos Santos.

A.M. - Sim, começou na escola Landes, na outra sede em 1970 depois foi junto para a sede nova na Miguel Tostes⁵, ficando até 1978.

G.A. - Como eram as aulas de Ballet na Escola?

A.M. - Lembro mais quando já estava com 12 anos, eram por nível, conforme o ano que tu estivesse, turma fechada, sempre com as mesmas colegas, se quisesse para fazer em outro horário tinha que pedir antes. Aulas com piano, uma glória, porque para corrigir era só dizer para a pianista parar, e depois voltar, além das belas músicas clássicas tocadas em cada exercício. Isso é um diferencial que a gente teve que hoje em dia é muito difícil encontrar, era muito bom. As aulas eram uma maravilha porque era uma família, o grupo era muito legal.

G.A. - E ela em sala de aula? A maneira como conduzia?

A.M. - Bem braba, bem braba. Ela era muito enérgica, mas acho que isso que deu para a gente um aprendizado de disciplina para o resto da vida. Ela tinha a varinha dela que ela batia no chão, tinha dias que ela estava endiabrada, eu não sei, mas acho que as outras devem ter falado isso. Eu nunca levei varinha na perna, mas levei muito xingão, por exemplo, tinha uma amiga nossa que fazia ginástica rítmica, a Ana Pinto⁶. Quando a Ana voltava dos campeonatos ela massacrava, dizia assim: “Tu estás toda dura, tu estás toda ginasta, tu estás horrível, tu não sei o quê...” Ela colocava a pessoa lá embaixo, lá embaixo mesmo. E daí nos últimos anos também eu fui para fazer ginástica aeróbica no Rio com a Lígia Azevedo⁷, quando eu voltei, ela simplesmente me ignorou, como se eu não existisse. Ela passava pelas pessoas na barra e me pulava e ia para as outras assim, como se eu fosse um nada, era uma coisa assim, a gente tinha que ser só da Maria Júlia, só, era uma coisa possessiva... Era braba, a gente tinha que ter bastante disciplina. E às vezes, por exemplo, nos ensaios dava uns ataques de riso na gente que a gente tinha que se conter, uma olhava para a outra e ria muito,

⁵ Rua da cidade de PortoAlegre.

⁶ Ana Pinto, aluna da Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha.

⁷ Ligia Azevedo, pioneira da Ginástica Aeróbica no Brasil.

de besteiras assim, aquelas risadas que não dava para conter e se a Maria Júlia visse aquilo Deus o livre [risos].

G.L. - Quais funções você desempenhou na Escola?

A.M. - Fui mais bailarina mesmo. Ajudava assim em questões de quando as criancinhas menores... Ensaidora e coisa, ficar junto, mas eu nunca fui de dar aula, eu era mais de estar lá assim, mas não de ensinar ninguém.

G.A. - E como era sua relação com a Maria Júlia?

A.M. - Era bem maternal assim porque ela gostava muito de mim e da minha família. O marido dela era meu professor de matemática, eu não era boa em matemática e ele me dava aula particular de matemática, então antes de ir para o *ballet* eu passava ali em cima e fazia aula com o Seu Francisco⁸, uma pessoa maravilhosa... Eu sonho seguido com a Maria Júlia, com todo o ambiente, marcou muito a minha vida. Era uma amizade, era uma mãe, muito ligada, muito ligada mesmo. Eu fiz bastantes solos, nos *ballets* nos infantis às vezes eu fazia o papel de Homem pela minha altura, eu e a Daniela⁹ formamos um par em um *ballet* infantil, sempre as maiores ajudavam na primeira parte do espetáculo.

G.A. - Então fora da rigidez da sala de aula ela era...

A.M. - Sim, sim, tinha fraternal, amor, tudo, tinha sim. Ela era mesmo enérgica, mas ela conseguia dosar as coisas, ela sabia com quem que ela lidava ali. Ela tinha um carinho por nós muito grande, muito grande mesmo.

G.A. - Como era a relação entre os alunos da Escola?

A.M. - Maravilhosa! Tanto que a gente tem amizade até hoje as gurias. Agora tem um grupo no *Face*¹⁰ que a gente compartilha coisas, então assim, tem grupos isolados, mas quando a

⁸ Francisco Xavier Pires da Rocha.

⁹ Daniela Vargas Barletta.

¹⁰ Referência a rede social *Facebook*.

gente se vê parece que o mundo parou ali. A gente continua querendo rever as coisas tudo e quer falar e relembra e tudo e daí o meu grupo era eu, a Ana Pinto, a Daniela Barletta, a Márcia Paul¹¹ e a Cláudia Romeu, a gente se encontra sempre quando dá. Até esses dias fiz um chá lá em casa, foi bem bom para recordar. E as outras assim mais velhas, mais moças, as novas gerações, tudo é uma família muito grande que se formou lá e construiu um caráter, disciplina, tudo, foi marcante nas nossas vidas, de todo mundo com certeza.

G.A. - Como funcionavam os espetáculos?

A.M. - Grandiosos porque ela fazia coreografias muito diferentes do que se vê hoje em dia, bem complexas e com histórias maravilhosas desde o infantil até o adulto, então dividido em atos. Eram muitas danças com fantasias lindas, com milhões de crianças, mas com coreografias bem elaboradas, não era só *plié*, *pas de bourrée*, era coreografia mesmo, desde as criancinhas pequeninhas e depois intervalo e daí os adultos com coreografias muito difíceis e lindas. Os espetáculos eram bem puxados todo mundo se envolvia nos espetáculos.

G.A. - E a preparação antes do dia?

A.M. - De ensaios? Muitos ensaios, sim, a gente ensaiava seis, oitos horas por dia, fim de semana, não tinha fim de semana, a gente adorava aquela rotina de não ter fim de semana. Muito ensaio sempre, sempre, sempre... É o que tem que ser, para ser bailarino tem que ter ensaio, ensaio e ensaio. E a gente adorava, passava as tardes lá, não tinha feriado, não tinha nada, vida de bailarino [risos]. E o dia do ensaio geral era um acontecimento, era o dia que a Maria Julia ficava mais braba, não dava para dar um piu, era tenso!

G.A. - Então tu comentaste que participou do Grupo Majuro...

A.M. - Sim, sim. Fui das primeiras do Grupo Majuro. Viajamos, é isso que tu vais perguntar agora?

G.A. - Não, eu ia perguntar como era a seleção para integrar esse Grupo?

¹¹ Márcia Paul Waquil.

A.M. - Olha eu nem sei, não me lembro da seleção. Eu acho que a gente já estava, era o nível mais alto que estava no *ballet* ali e ia direto para o Grupo Majuro. Acho que não teve uma seleção, eram as que estavam por último as que dançavam na última aula, vamos dizer as mais adultas, não sei quantas eram no Majuro. Não sei alguém disse quantas eram?

G.A. - A Elisa¹² tinha comentado que vocês chegaram a ter vinte e cinco meninas e depois quando entraram os meninos tinha...

A.M. - Daí eu saí, daí eu não estava mais. É, então tinha. Eu fui da primeira geração do Majuro, fui das primeiras versões.

G.L. - E como era a rotina de ensaios do Grupo Majuro?

A.M. - Bastante, teve também o Majuro russo e espanhol também que compunha além do clássico e do contemporâneo. Ensaio sempre que tinha espetáculos e não sempre ensaiando direto, bastante ensaio, não tinha descanso.

G.A. - E quem conduzia esses ensaios eram a Elisa e a Maria Júlia em parceria?

A.M. - É, sim, isso, a Elisa e a Maria Júlia, bastante depois a Elisa.

G.L. - Então tu tinhas falado sobre as viagens...

A.M. - Sim, a gente viajou para Joinville no primeiro festival de Dança¹³, para o Rio de Janeiro no Festival do Rio de Janeiro de Dança de Repertório¹⁴ e outras danças também, eu fiz dois solos contemporâneos. No Rio de Janeiro fomos umas duas ou três vezes, ficamos na primeira vez em um alojamento da Marinha, na outra vez em uma Escola de Cegos na Urca¹⁵, era muito divertido uma bagunça antes de dormir, muito legal.

¹² Elisa Freitas Machado.

¹³ Festival de Dança de Joinville, Santa Catarina.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

¹⁵ Instituto Benjamin Constant.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]¹⁶

G.A. - Está no 34º agora, eu acabei de voltar de lá [risos].

A.M. - É, trinta e quatro, então menos trinta e quatro imagina quanto tempo. Trinta e quatro anos atrás, tu vê como a gente é velha [risos]. Foi o primeiro que a gente foi, bem frio.

G.A. - Quais os momentos, espetáculos ou viagens mais marcantes dessa Escola para você?

AM. - Eu acho que cada momento de espetáculo foi marcante naquela data assim, quando eu fiz os solos, mas assim renomear todos... Claro que quando os últimos espetáculos a gente mais madura marca mais, mas todos os espetáculos de dança tiveram um diferencial, além das coreografias, de a gente dançar mais. A gente já dançou na abertura da Feira do Livro¹⁷, não sei o quê, no Parcão¹⁸ dançamos como era uma coisa muito unida assim eu acho que todos os momentos foram... As viagens, as parcerias, por mais que a gente fazia bagunça na hora de dormir, na hora de ensaiar era só comprometimento e disciplina. Eu acho que todos os momentos desde que a gente entrou lá foram marcantes.

G.A. - Como você acha que a experiência vivida nessa Escola influenciou na sua formação?

A.M. - Disciplina. Como eu estava te dizendo, disciplina, respeito, admiração à arte, *ballet* em si que a gente adora sempre e harmonia e união das pessoas, fazer uma família fora da família de sangue, amizades, isso aí marca muito. Caráter das pessoas, porque todas as pessoas que passaram na nossa vida lá, tudo parece que tem a mesma linguagem. Eu não sei se por respirar cultura a forma das pessoas pensarem é diferente, acredito que sim.

G.A. - E tu não estavas na Escola mais quando a Elisa assumiu?

A.M. - Não, não estava. Já tinha saído, já tinha ido para o Mudança, para outros lugares.

¹⁶ Entrevistada conversa com a sua mãe.

¹⁷ Feira do Livro de Porto Alegre.

¹⁸ Parque Moinhos de Vento, Porto Alegre.

G.A. - E tu ficaste sabendo?

A.M. - Sim, sim, nunca perdi o contato. Até eu nem estava quando a dona Maria morreu, quando a Mariazinha morreu eu estava morando no Rio. Minha mãe que me deu a notícia: “A Elisa que vai assumir tudo e coisa.” E era o esperado porque a Elisa era o braço direito. Não fui mais lá, mas sempre acompanhei de longe. Tinha a Maria Macedo também que era a secretária da Maria Júlia, uma irmã, também ficou um tempo com a Elisa depois se aposentou e morreu mais tarde.

G.A. - Qual a sua relação atual com a dança?

A.M. - Olha, tenho muitas amigas que continuam ainda se envolvendo com a Dança. Rossana Scorza¹⁹ prima do meu marido era do Mudança, que é ensaiadora do *Ballet* de Porto Alegre. A Luciane Cóccaro²⁰, que é super amiga também da época da Mudança que mora no Rio, ela é professora lá do Fundão²¹, está fazendo Doutorado em Dança; Luciana Dariano que é uma amiga do grupo Mudança que dança em Paris também que continuou, então, eu estou sempre ligada em *ballets*, sempre que tem algum *ballet* que eu gosto eu vou. Tenho vontade de voltar, todos os anos eu digo que vou voltar, tem muitos professores que dão *ballet* para a quarta idade [risos], terceira idade e eu tenho o meu cabelereiro é o Geraldo Lachini que também era bailarino, foi do Guaíra²², do Stagium²³ e tem sessenta e poucos anos faz aulas e quer que eu volte: “Porque tu dançavas que era uma maravilha...” É, mas agora se eu esticar o pé vai me dar câimbra, agora eu jogo tênis. Eu imagino que se começar a dançar eu não vou querer parar mais. Mas eu tenho que ter um empurrãozinho.

G.A. - Teria mais alguma coisa que tu gostarias de acrescentar sobre a Maria Júlia, sobre a Escola?

A.M. - Eu acho que ficou um legado muito grande para a gente, marcou, praticamente é a minha história, não imagino diferente se não tivesse entrado lá dentro e vivido tudo isso,

¹⁹ Rossana Filippin Scorza.

²⁰ Luciane Moreau Cóccaro.

²¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²² Grupo de Dança do teatro Guaíra, Curitiba – PR.

²³ *Ballet* Stagium, São Paulo - SP

tanto que eu te digo que eu sonho muito com os acontecimentos me vejo lá dentro dançando, volto à época, várias vezes me pego sonhando com ela, parece que nunca acabou. Eu sei que está sempre dentro de mim, o *ballet*, a Escola tudo. Sempre perto e as amizades que eu fiz, então acho que tudo foi importante. A Elisa, foi muito legal rever com o livro em homenagem a Mariazinha²⁴... Foi emocionante a performance que ela apresentou no lançamento parece que ela nos transportou para aquele tempo. Ela dançou e foi bem bonito. E é isso.

G.A. - Angela, então em meu nome e do Centro de Memória do Esporte eu gostaria de agradecer novamente a tua disponibilidade da entrevista e vamos mantendo contato.

A.M. - Eu que agradeço mais uma vez. Adorei. Espero que tenha contribuído de alguma forma.

G.A. - Muito. Muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁴ Referência ao livro: Machado, Elisa Freitas. *Maria Júlia da Rocha: Uma artista visionária*. Porto Alegre: Cidadela, 2016.